

Infância ou brincadeira da língua:

olhar, história e pandemia

Marcia Cavalcante-Schuback

* Universidade de Södertörn / marcia.cavalcante@sh.se

Pedro Duarte

** PUC-Rio / p.d.andrade@gmail.com

Resumo:

Um ensaio escrito a quatro mãos na forma de uma correspondência entre amigos em torno da infância. São seis as cartas: a primeira trata da experiência de brincadeira com a linguagem infantil; a segunda sugere que tal brincadeira expressa uma linguagem não-predicativa do ser; a terceira critica a ideia da linguagem infantil como uma tentativa incipiente de falar, apontando que se trata, antes, de outra experiência da linguagem; a quarta destaca a infância como um método de ver tudo pela primeira vez; a quinta expõe as várias infâncias que se misturam: a de si próprio na memória ou a dos filhos no presente, por exemplo; e a sexta chama a atenção para as sensações da infância. Durante as cartas, são mobilizadas referências: filosóficas, como Heráclito; poéticas, como Novalis; e históricas, como a pandemia de Covid-19. Pela forma epistolar, busca-se exercitar um ensaio de pensamento em diálogo, pelo qual diferentes perspectivas sobre relativas à infância se combinam, ao invés de se excluírem.

Palavras-Chave: Infância; linguagem; brincadeira; ser; pandemia.

* *Full Professor*, Universidade de Södertörn, Departamento de Filosofia, Estocolmo, Suécia.

** Professor Associado, PUC-Rio, Departamento de Filosofia, Rio de Janeiro, Brasil.

Carta I – Brincadeira da língua

Oi, Marcia, querida!

Como você tá? Começo aqui finalmente nossa troca de cartas sobre a infância e, quem diria, com você aqui no Brasil, acho que esta primeira te entrego em mãos! E vou começar por uma brincadeira.

O que disse o tubarão para a tubaroa? Tu baralhas-me. Qual é o animal que valeu um dia e agora não vale mais? O javali. O que faz um pato em cima de uma pata? Descansa a outra. Jogos de palavras como esses, que provocam risos por vezes envergonhados por acharmos graça em algo que soa bobinho, revelam algo de essencial da linguagem. Revelam que não antecipamos seu sentido, pois cada pergunta tem isso de intrigante: nossa consciência antecipa, ao escutar essas brincadeiras, que no final a resposta vai revelar algo simples, mas isso não é o suficiente para adivinhar o mistério ou para evitar um desconcerto com a surpresa – do que depois parece óbvio. Não se adivinha nunca o que a linguagem contém. Neste caso, o que parece faltar – saber o que está cifrado na linguagem das perguntas – é traído, entretanto, pelo seu oposto: a abundância – era ainda uma outra coisa mais o que não se sabia.

De resto, há uma magia na confusão entre as palavras que designam algo externo no mundo, por um lado, e a relação interna delas mesmas. O triunfo da linguagem, nesses casos da dança das palavras entre si, está no modo como sua própria relação nos traz à graça de um riso, mas sem perder por completo a referência ao que cada palavra indica no mundo, na realidade: o tubarão do mar baralha na vida; o javali da mata já perdeu o seu valor; a pata não é a fêmea do pato, mas aquela com a qual ele caminha.

Não é acaso que esses jogos de palavras nos soem infantis. Eles são. E as crianças sabem-se rir deles e com eles. Mas, os adultos também. Não apenas

porque todo adulto, como é óbvio, já foi criança; e, como tudo o mais, nunca deixa por completo de se ser o que já se foi. Isso é verdade. Contudo, há mais. Essas trocas, esses deslizes, essas ambiguidades da linguagem vêm da infância – mas da infância da própria linguagem. Na origem da linguagem, talvez, esteja um riso. Um humor. Um sorriso. Naqueles jogos com a linguagem, uma ponta sua ecoa onde não se esperava. No nome de um animal, escutamos um verbo. No nome de um bicho, há um passado. Javali. Já valeu. Não vale mais. O sentido aqui se esvai na ordem real, e se instaura numa docilidade para analogias fonéticas. São os sons das palavras que voltam a dançar um pouco.

Eu e você, Marcia, certa vez, conversamos sobre o *Hamlet*, de Shakespeare. Mais especificamente, sobre a morte por envenenamento, do pai, pelo ouvido. Você me falava que talvez aí estivesse o cerne de nosso problema moderno: deixamos de ouvir. O filósofo alemão Theodor Adorno, certa vez, mencionou uma “regressão da audição” que se daria modernamente, acho que desde meados do século XX. Suponho que ele pensasse no empobrecimento da escuta musical das grandes obras clássicas ou de vanguarda, de variações rítmicas e melódicas tão belas quanto sofisticadas e desafiadoras. Lamentava, suponho, o decaimento da música em formas baixas, como o jazz norte-americano. Mal posso imaginar o que ele diria da canção popular brasileira! Sem desmerecer o argumento de Adorno, que já valeu como o javali, acho que você, quando comentou o *Hamlet*, falava de outra coisa, de uma outra escuta que poderíamos estar perdendo. Qual seria ela?

Será que era uma escuta infantil? Ou melhor: a escuta da infância da linguagem? Essa escuta que, de fato, ouve, pois não é apenas escrita ou lida. Ela fala. Soa. No ar. Ela está aí. É presença. Talvez devêssemos mais vezes falar alto os textos que lemos, e talvez descobríssemos neles entonações que nunca imaginávamos para um sentido.

Quem sabe ouvíssemos mais vezes essa graça, esse riso, esse humor? Pois o trabalho teórico identificou-se com a seriedade, e fez desta uma espécie de silenciamento do riso. Mas, o silenciamento do riso é, junto, a intimidação desta infância da linguagem, dessas trocas, dessa exploração da ambiguidade: o tu-barão que baralha, o javali que já valeu, a pata que é perna. Esse fundo sem fundo do humor da linguagem, entretanto, é onde ela se afunda – sempre (independentemente do esforço teórico). Quantos de nós, em canções estrangeiras ou mesmo nacionais, não inserimos palavras, ao escutá-las, que depois descobrimos que nunca estiveram lá? Ouvimos um som e projetamos uma palavra, embora mais tarde, ao ler a letra, possamos nos dar conta de que era uma invenção nossa. Isso ocorre frequentemente quando somos crianças. Lembro, no começo da década de 1990, quando comecei a ouvir a banda de rock Pearl Jam, com os vocais velozes e alterados de Eddie Vedder, ainda sem saber inglês direito: devo ter criado metade das palavras que acreditava que ele cantava. Lembro, ainda, de nossa amiga Helena Martins, em um seminário, confessando que, na música “Menino do Rio”, do Caetano Veloso, em vez de ouvir “dragão tatuado no braço”, costumava escutar “dragão com a toalha no braço”. Pois a linguagem, ainda mais essa linguagem no ouvido, prega peças como essa, até sem querer, fazendo seu caminho em nós. Nunca esqueci do dragão com toalha.

Quando eu e você estivemos em um debate, junto a outros amigos, sobre a tradução dos poemas da Hannah Arendt para o português, Marcia, você, após falarmos de pensamento, ação e, sobretudo, coração, fez uma advertência que me pareceu decisiva: estamos levando isso muito a sério. Observou, então, que, em uma entrevista que a Hannah Arendt deu para a televisão, quando ela recordava de poemas de cor que sabia em alemão, sua língua materna, ela ria como uma criança. Você concluiu dizendo: brincadeira da língua. Foi justamente ali que eu me dei conta de que tínhamos um ponto de partida para esse ensaio ou esboço, sobre o qual falamos faz tempo: pensar a infância. Eu acho que o ponto de partida poderia ser o que você chamou de brincadeira da língua. O que você acha?

Quem sabe poderia nos servir de inspiração um fragmento do Novalis do qual gosto muito, e que fala disso tudo sobre a linguagem.

O que se passa com o falar e o escrever é propriamente uma coisa maluca; o verdadeiro diálogo é um mero jogo de palavras. Só é de admirar o ridículo erro: que as pessoas julguem falar em intenção das coisas. Exatamente o específico da linguagem, que ela se aflige apenas consigo mesma, ninguém sabe. Por isso ela é um mistério tão prodigioso e fecundo – de que quando alguém fala apenas por falar pronuncia exatamente as verdades mais esplêndidas, mais originais. Mas se quiser falar de algo determinado, a linguagem caprichosa o faz dizer o que há de mais ridículo e arrevesado. Daí nasce também o ódio que tem tanta gente séria contra a linguagem. Notam sua petulância, mas não notam que o desprezível tagarelar é o lado infinitamente sério da linguagem. Se apenas se pudesse tornar compreensível às pessoas que com a linguagem se dá o mesmo que com as fórmulas matemáticas – elas constituem um mundo por si – jogam apenas consigo mesmas, nada exprimem a não ser sua prodigiosa natureza, e justamente por isso são tão expressivas - justamente por isso espelha-se nelas o estranho jogo de proporções das coisas. Somente por sua liberdade são membros da natureza e somente em seus livres movimentos a alma cósmica se exterioriza e faz delas um delicado metro e compêndio das coisas. Assim também com a linguagem – quem tem fino tato para seu dedilhado, sua cadência, seu espírito musical, quem percebe em si mesmo o delicado atuar de sua natureza interna, e move de acordo com ela sua língua ou sua mão, esse será o profeta; em contrapartida, quem sabe bem disso, mas não tem ouvido ou sentido bastante para ela, escreverá verdades como estas, mas será feito de palhaço pela própria linguagem e escarnecido pelos homens, como Cassandra pelos troianos. Se com isso acredito ter indicado com a máxima clareza a essência, a função da poesia, sei no entanto que nenhum ser humano é capaz de entendê-lo e disse algo totalmente palerma, porque quis dizê-lo, e assim nenhuma poesia resulta. Mas, e se eu fosse obrigado a falar? e se esse impulso a falar fosse o sinal da instigação da linguagem em mim? e minha vontade só quisesse tudo a que eu fosse obrigado, então isso, no fim, sem meu querer e crer, poderia sim ser poesia e tornar inteligível um mistério da linguagem? e então seria eu um escritor por vocação, pois um escritor é bem, somente, um arrebatado da linguagem?¹

¹ Novalis, “Monólogo”, in *Pólen* (São Paulo, Iluminuras, 2001), p.195.

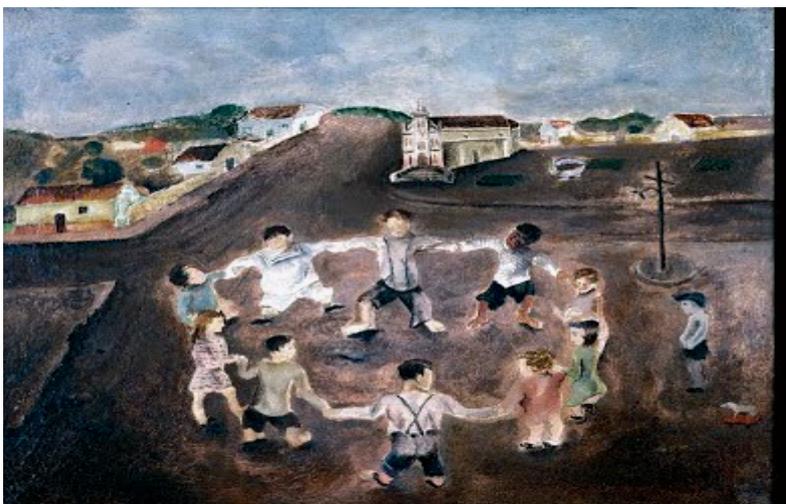
Carta II – A criança nunca diz “*isso é isso ou aquilo*”

Amigo Pedro,

Acho que não pode haver melhor inspiração do que rabiscar um pensamento da infância inspirado pela “brincadeira da língua”, por esse “começo da linguagem no riso”, como você tão bem exprimiu essa brincadeira. Até porque a palavra “infância” chega a ser infame, já que, segundo a etimologia, diz o que não fala. Como assim: infância não fala? Acho que encontramos um bom ponto de partida ao considerar que a infância é “brincadeira da língua” e não um ‘ainda não fala’, uma falta de linguagem. Será que podemos dizer que para pensar a infância é preciso tanto estranhar esse nome, “infância”, como, e sobretudo, essa forma de dizer – “a infância é isso”? Marina Tsvetáieva, uma poetisa russa que marcou de maneira decisiva meu modo de pensar a filosofia quando a descobri em 1982, escreveu num livro muito bonito chamado *Meu Púchkin*² que a criança nunca diz “isso é isso ou aquilo” porque a criança não erra. Infância não erra e não mente. Infância, palavra bonita ainda que infame, significaria assim não errar ou mentir, porque simplesmente não diz isso é isso ou aquilo. Infância é um outro dizer. Fiquei assim me perguntando – e envio a pergunta para você – como seria a língua dessa brincadeira? Uma língua que não é predicativa, que não “quer dizer” isso ou aquilo, mas que diz a brincadeira da linguagem, que joga apenas consigo mesmo, nada exprimindo a não ser a sua “prodigiosa natureza”, como disse Novalis na bela passagem que você me enviou?

Você trouxe essa passagem pelo fio dos jogos de palavras, de jogos sonoros da “linguagem no ouvido”. É misterioso como a linguagem dos “adultos”, i.e, a linguagem que se compreende como saída da “infância”, é uma linguagem surda. Surda porque não se escuta dizer. Quando diz brincadeira “olha” logo para uma cena de brincadeira – uma amarelinha da infância, uma “Roda infantil” como a do Portinari.

² Conferindo se havia tradução para o português desse livro, deparei-me com a tese e tradução de Paulo Costa Vaz de Almeida, “O Meu Púchkin”, USP, 2008.



Candido Portinari, *Roda infantil*

Mas esquece como a palavra brincadeira soa com sons de brincos, sem prestar a menor atenção aos seus percursos etimológicos. Brincos e argolas, círculos e cirandas, rodas e bambolês – um redondo em dança está sempre acompanhando a infância das brincadeiras.



Pieter Bruegel, *Jogos infantis*³



jogos infantis, criança indígena

Giros e saltos, corridas em torno de um aberto, rabiscos saltando no ar: a linguagem da brincadeira passa de um som-palavra para outro: o javali que já valeu, a

³ Esse quadro se encontra no *Kunsthistorisches Museum* de Viena, para ver os vários jogos em detalhes, cf. [https://en.wikipedia.org/wiki/Children%27s_Games_\(Bruegel\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Children%27s_Games_(Bruegel))

brincadeira com seus brincos. Será que a gente poderia dizer que a linguagem da brincadeira é feita de sons-palavras – e de modo algum seria sem-palavras – a linguagem em que os sons são palavras e não a linguagem em que as palavras são sonoras? Sons-palavras que bamboleiam e se arremessam, no ar ou no chão, encadeando-se ora como percussão e bolha de sabão, ora como jogo de bolas de gude, esse jogo arquetípico, comum a tantos povos originários e ancestrais.

Talvez valha pena – [se o javali já valeu, o valer talvez continue valendo!] – falar mais de brincadeira do que de jogo, só para realçar os brincos exclamativos desse jogo. Digo brinco exclamativo porque nunca esqueço uma passagem maravilhosa de Clarice Lispector em *Um Sopro de Vida*, onde ela explica o que é uma exclamação. “Exclamação são os brincos pendentes que tremelicam entre cabelos finos. Brinco feito de quê? Feito de tudo o que sabe que faiscar é importantíssimo. Brincos são íssimos.”⁴ A linguagem da brincadeira da língua não é assim exclamativa feito brinco tremelicando entre cabelos finos? A criança não diz o que alguma coisa é. Diz “é!” Olha! Brinco! Flor! E as palavras ou coisas – aí não há diferença, ou melhor, cada palavra, cada coisa, flor, bicho, gente, mosquito, cavalo, pingo de chuva, bola de gude, colher, sapato, som, sopa, cabide, grão de areia, pedra no chão, cada um “é!”. E é de tal modo que deveria ser grafado com uma exclamação imediata: É!, pois cada é é íssimo e não um é isto. Pois é a intensidade de uma presença inteiramente entregue a esse cada um. Quem pode esquecer o olhar de uma criança toda presente ao examinar o que lhe cai nas mãos, ao apontar para o vazio de um longe por estar toda dentro do apontar a ponto de se tornar ela mesma o dedo que aponta? Novalis falou do “dedilhado” e da “cadência” da linguagem; falou dos seus “livres movimentos [em

⁴ A passagem completa diz assim: “Exclamação são os brincos pendentes que tremelicam entre cabelos finos. Brinco feito de quê? feito de tudo o que sabe que faiscar é importantíssimo. Brincos são íssimos. E o brinco de uma única e modesta pérola é a violeta das jóias. Mas os brincos de brilhantes brigam e dão gritinhos que me espantam. Elas se atritam, cruéis. Brinco de prata de lei é gravidade e é garantia de grande e severa segurança. Brinco de ouro é um “isto” qualquer, é um istozinho sem maior importância. A menos que seja bola redonda de ouro: então é posse e é atividade.”, *Um Sopro de Vida*, RJ: Rocco, 1978, p. 120

que] a alma cósmica se exterioriza e faz dela um delicado metro e compêndio das coisas”. Essa movimentação de brincadeira livre, bamboleante, arremesante – “linguagem é flecha”, ouvi certa vez Davi Kopenawa dizer – dos sons-palavras, que mostra como a “alma cósmica” se exterioriza, não tem gramática. Mas será que tem regra? Toda brincadeira e jogo tem regra: no tempo em que criança inventava brincadeira com qualquer coisa, a primeira tarefa era inventar as regras do jogo para transgredi-las⁵. Por que? Seria possível imaginar um jogo sem regra alguma? Se é preciso haver regra para se brincar e jogar, não deve ser porque haveria uma espécie de *a priori* ou inconsciente da ordem inato na criança. Talvez seja algo bem mais simples, bem mais livre e por isso mesmo tão misterioso. Talvez seja por conta das linhas da vida. Segundo os hábitos dominantes de pensar, a infância não é só sem fala. A infância é analfabeta, não sabe escrever ou ler. Não sei se você concorda, mas, exauridos e extenuados pelo alfabeto, há hoje, por toda parte, a busca de uma linguagem que é a da fala, da cultura oral, dos seus repentes e improvisos, da canção e dos murmúrios, de uma linguagem da escuta mais até do que apenas escutar a linguagem. Só que a escrita não se reduz ao alfabeto. Quando se admite que a escrita é antes de qualquer coisa linhas se traçando numa superfície, então pode-se dizer, sem metáfora ou risco de antropomorfismo, que a natureza é, se não uma escrita, um vertiginoso grafismo: fósseis e raios, cipós e rastros, pegadas e margens, sulcos de rio e listas de zebras, riscos em folhas e ligamentos do corpo, tatuagens e tinturas, voos de águia e pipa, linhas de um balão vermelho [como no lindo filme *Le ballon rouge* de Albert Lamorisse]⁶. Por toda parte encontram-se incisões, gravuras, grafismos, grafitis, telegrafias e ritmografias das linhas da vida. Faria sentido então dizer que as regras do jogo se inventam como linhas se grafitam nas múltiplas superfícies da vida? Dizem que quando Alexandre, o Grande queria demarcar os limites para construir a cidade de Alexandria no norte da África,

⁵ Fiquei fascinada quando vi que até um adulto como o compositor Arnold Schönberg inventou um novo jogo de xadrez para ser jogado a quatro, reiventando todas as regras do jogo.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=dGzY9zp46KI>

tendo faltado giz, a linha de demarcação foi feita com farinha de trigo que os pássaros imediatamente apagaram, deliciando-se com a farinha.

Será que rabisco de criança nos ensina alguma coisa dessa brincadeira da língua, de sua cadência e dedilhado?

Carta III – Com a infância ao meu lado

Marcia, querida!

Que bom ler suas palavras sobre a infância. Eu as escuto com a infância ao meu lado. Não falo apenas da memória da minha infância, que de algum jeito sempre está ao lado, ou dentro, ou junto, mesmo quando fora. Falo muito concretamente, pois o Bento, ainda com seus três anos, está aqui ao lado. Eu nunca tinha percebido como ele diz: *olha!* Você tem toda razão.

Diante daquilo que o espanta, o que sobrevém não é a dicção teórica do “isto é aquilo”, mas antes o simples “isto é”: próprio ser. O ser, sem aquela dicção que é a da definição, acontece e é sublinhado por esta fala: *olha*. E, além disso, pede esta partilha, que outra pessoa testemunhe junto este ser sendo, como você diz. Essa fala é também convite e convocação. Não estou só. Não estamos sós. E, de quebra, quando eventualmente eu não ouço a convocação para olhar, recebo ainda o vocativo, na repetição: *olha, papai!* Ele não se conforma que eu possa não olhar aquilo que o faz exclamar. Pois aquilo é.

Lembro-me da minha angústia, durante a pandemia de Covid-19, justamente por isso. O Bento tinha poucos meses e, em tese, não podíamos sair de casa, uma vez que era recomendado o isolamento social como forma de proteção coletiva contra o alastramento da contaminação. Mas, isso parecia restringir tanto o “*olha*” que ele ainda nem dizia, mas suspeito que já estava lá, no próprio olhar. Passei a sair furtivamente com ele, na hora do sol nascer, até a praia, e juntos ficávamos ali alguns minutos, parados neste “*olha*”: o mar, as ondas, a areia, o sol, o morro, o céu; o azul, o branco, o cinza, o amarelo. Era a sua exclamação imediata: *é!*

Naquela privação toda de um exílio do mundo, às vezes já no escuro de madrugada, saíamos para procurar a lua no céu, e ainda fazemos isso até hoje. E

algumas vezes eu me esqueço disso, estamos juntos, e lá vem aquele grito: papai, olha! E lá está ela: a lua. A lua que é a coisa e a palavra. Pois agora ele diz: a lua! Diz tão contente em vê-la quanto em dizê-la. E eu em ouvir: o olha, a lua e, claro, também o papai vindo dele.

“Papai”, aliás, como “mamãe”, é palavra da infância. Não há ainda pai ou mãe, mas papai e mamãe. Este “ainda”, contudo, não diz um estágio preparatório ou incipiente. Este “ainda” não pode ser considerado como uma fase à qual algo falta, ou de que se é carente. Este “ainda” não deve ser entendido já no interior do que os modernos vieram a chamar de progresso, como se o anterior fosse inferior e o posterior fosse superior. Por isso é que a infâmia da infância, à qual você alude algo ironicamente, é descabida, caso designe aquele que não fala como o que “ainda” não fala.

Mais uma vez, temos aí essa representação progressiva do tempo pelo qual se julga um antes por um depois, e o “ainda” vira a cifra de uma separação por carência daquilo que não é o que, depois, deverá ser. Infância fala, mas fala na linguagem da brincadeira que é a brincadeira da linguagem. Infância fala na linguagem que depois nós, adultos, desaprendemos ou petrificamos. Não se trata, por outro lado, de nostalgicamente lamentar a perda da “pureza da resposta das crianças”, mas de reconhecer a alteridade dessa linguagem, a possibilidade de uma outra fala, que é diferente da não-fala. Não há carência nessa infância, ou pelo menos não daquilo que depois há na fala adulta.

Esa outra fala, ou “outro dizer”, como você formulou, escapa à intencionalidade que é a marca da seriedade ironizada por Novalis. Uma língua que não é prediativa, como você diz. E, se há uma “pureza da resposta das crianças”, ela não é nem moral (por oposição à impureza maculada de adultos) e nem cognitiva (como se desse conta com correção de alguma pergunta). Isso diz respeito, antes, à brincadeira que fica aquém da moralidade e da cognição. Não se trata de

bem ou mal e de certo ou errado. Mas de brincar nesta língua em que palavras e coisas são. Uma respiração do ser.

Você lembrou como podemos escutar os brincos nos sons das brincadeiras. Eu lembrei de como o Heidegger, em algum momento, afirma que um brinco de latão não é jamais um brinco de ouro falso, mas um brinco de latão verdadeiro. Não tem nada a ver, mas é que há algo nisso dessa tentativa de falar do que está na coisa que a coisa é, e não no critério de definição que lhe é exterior sobre autenticidade e mentira, sobre verdade e “pseudos”. O latão não quer se passar por ouro. Nem quer se passar. Só é. *Olha!*

Nessa brincadeira, talvez o que haja de regra seja muito diferente do que estamos acostumados, se é que regra é. Pois não é exterior ao jogo. Nós costumamos pensar a regra como algo de fora da vida, que a restringe. Mas, numa brincadeira, a regra, que não sei se é um bom nome, é como aquilo que a brincadeira inventa para si. Como uma linha da vida, será? Lembro do Schiller dizendo que só somos plenamente quando jogamos e só jogamos plenamente quando somos. Naquele vocabulário filosófico do século XVIII, ele falava de um impulso lúdico que ficava entre o impulso formal e o impulso material, a reflexão e a sensação, o espírito e a carne, o interior e o exterior. O impulso lúdico talvez fosse um modo de pensar a infância, ou ainda, esta fala que não se pauta por regras prévias, mas que inventa (e larga) as suas no próprio brincar.

Nesse sentido, quando li inicialmente você falar que estamos extenuados pelo alfabeto pensei até que você iria dizer outra coisa, além desse cansaço da escrita que busca então a oralidade. Achei, embora seja uma hipótese um pouco extravagante, que você ia arriscar dizer que a alfabetização – socialmente imperativa, é óbvio – tem, contudo, certa ambivalência: ela libera para a leitura, mas nos prende a ela naqueles termos de um alfabeto. Uma vez tendo aprendido a ler, eu nunca mais consigo não ler. *Olha!* Mas, se há letras, eu já leio. Não é mais desenho ou paisagem que vejo, e sim frase ou mensagem. O alfabeto nos educa

e nos instrui, abre mundos e horizontes, constitui uma nova liberdade. Mas, ao mesmo tempo, prende: nunca mais estou livre para não o ler. Ou quase, pois talvez certos momentos ou artes consigam desfazer esse feito. Ou seja, há essa escrita que não é só o alfabeto. Os românticos falavam sobre ler o livro do mundo, mas talvez devêssemos falar sobre essa escrita da vida também, que, como você sugere, pode se afinar com o rabisco da criança, que mais parece um esboço.

De novo, porém, cabe dizer: esboço de traços ou ensaio de palavras não são apenas preparações para o quadro pintado ou o sistema filosófico que viriam depois, mas a linguagem se fazendo, como na brincadeira da infância. Por isso, talvez mesmo após a infância cronologicamente, ela ainda permaneça espiritualmente na raiz de tudo o que de mais crucial experimentamos, como mencionou o André Gorz na *Carta a D.*

Não descobri, como faço agora, qual era o alicerce do nosso amor. Nem que o fato de estar dolorosa e deliciosamente obcecado pela coincidência sempre prometida e evanescente do gosto que temos por nossos corpos – e quando digo corpo, não esqueço que “a alma é o corpo, tanto para Merleau-Ponty como para Sartre –, nos remete a experiências fundadoras cujas raízes estão mergulhadas na infância: na descoberta primeira, originária, das emoções que uma voz, um cheiro, uma cor de pele, um jeito de se mover e de ser...

Carta IV – Infância como a experiência do “*pela primeira vez*”

Pedro querido,

Receber a sua escuta é também uma imensa alegria. Novalis disse, na passagem que você citou na sua primeira carta, que “o verdadeiro diálogo é um jogo de palavras”. Diria que é mais um jogo de escuta. O mágico das cartas é o seu tempo: não só a espera de quando a carta virá, mas sobretudo o tempo de escuta que ela põe em jogo. É enigmático como ler palavras escritas é também ouvir, o que se mostra em como as palavras e pensamentos lidos reverberam, geram outros, crescem no aberto feito galhos inesperados fazem o tempo todo no ar.

Foi bonito você trazer a companhia do Bento para essa nossa conversa e insistir em como esse “ainda não” – ainda não definir, predicar – longe de falta ou incipiência, mostra como a linguagem da infância, a linguagem da brincadeira é uma *alteridade* da linguagem, a “possibilidade de uma *outra* fala”. Pelo que ouvi nas suas entrelinhas, também ao falar sobre a alfabetização como uma marca que se torna indelével, o “ainda não” diria mais o solto que salta ao ar livre ainda não fixado ou domado pelo alfabeto, ainda não corrigido pelas regras que obrigam a repetição. Platão era um rebelde contra a escrita: achava que a escrita era como a marca deixada na terra por uma quadriga e seguida milimetricamente por todas as outras. Era uma fixação que cortava as asas da palavra falada, sempre alada. Tomada ao pé da letra, como o pé mesmo da letra, será que a literatura não seria então a experiência de desfixar essa fixação da escrita, a tarefa de continuamente desler? Voltando ao mesmo Platão, ele disse certa vez que as fábulas de Esopo, as fábulas para as crianças, são a única escrita livre. O fascínio das crianças pelas histórias – que documento maravilhoso sobre isso não são as *Primeiras histórias* de Guimarães Rosa? – talvez se dê por as histórias serem o fascínio da infância, se por infância entendemos algo insinuado por Groz, na passagem que você trouxe: infância como a experiência do “*pela primeira vez*”.

A infância talvez seja o método fascinante de ver tudo “*pela primeira vez*”, ou seja, de fazer da “*primeira vez*” um método de ver e escutar, um método de existir.

Vivendo em pelo menos duas línguas o tempo todo, nessa continua pergunta “como é que se diz?”, me flagro sempre na experiência de “*pela primeira vez*” escutar uma palavra – a estranha – mas também de ouvir as palavras da “minha” língua como se fosse pela primeira vez. Será que o desejo de desler – o desejo da literatura – não é o desejo, a busca de falar como se fosse pela primeira vez? Será que a escrita – poética, literária – é esse desejo de dizer como se fosse pela primeira vez? Como se fosse. Vasculhando as primeiras conceituações de “língua materna”, deparei-me com o tratado escrito por Dante Alighieri, *Sobre a língua vulgar*, considerado a primeira teoria da língua materna. Pode-se ler – desse jeito de ler deslendo – que a língua materna é a língua das primeiras vezes. Talvez por isso seja tão difícil abandonar a língua materna. Não por ser da mãe ou do pai, mas por ser da vez, da primeira vez, por ser a língua desse espanto de que “isso é”, o “milmaravilhoso”, diria Rosa, com suas “millágrimas” diria Clarice, do “*Olha!*”, “há ser”. A língua do espanto das primeiras vezes não é só maravilhamento, mas também terror e medo. Não é de surpreender que a primeira infância seja também o nó de inúmeras sensações e sentimentos tecidos em cada primeira vez, um nó que a vida vai apertando e amarrando, tornando-se tão difícil de desatar.

A ideia habitual da infância é de um estágio, uma etapa, uma fase, um período num processo de desenvolvimento. Você descreveu com clareza e sabedoria o equívoco dessa ideia. Não sendo um tempo dentro de uma sequência temporal, será que a infância faria então aparecer um outro sentido de tempo? Para quem gosta de ler aforismos e fragmentos como a gente, fica difícil não lembrar aqui o fragmento do obscuro Heráclito que, numa tradução bem livre diz : “tempo é criança brincando; infância reinando”. Por que não dizer que é criança brincando de bola de gude sobretudo se “gude” é provavelmente uma corruptela da palavra

latina *gaudere* que diz alegria?. Por que não dizer então que o tempo é criança brincando com as bolinhas lisas da alegria ou da tristeza? Pois infância é também triste. Que jogo é esse, o jogo das bolas de gude da alegria e da tristeza? Quando lembro do olhar das minhas meninas, do Bento de vocês, vendo o “há”, dizendo de várias maneiras “ah!”, “olha!”, “isso”, não consigo não confirmar que esse jogo é do gude da temporalidade da primeira vez. Ouvi dizer que a primeira vez que a palavra “vez” foi dita em língua portuguesa foi num antigo cancionero galego do século XIII, monofônico, para uma voz só, chamado *Cantigas de Santa Maria*



ilustração das *Canções* no manuscrito de Código E

A primeira vez que se disse vez, foi em voz alta, num canto monofônico – se foi ou não foi mesmo, pouco importa. O que importa é a voz dessa vez, a vez dessa voz e, sobretudo, como a primeira vez – do encanto ou do terror – fica no corpo e nos interstícios de sua memória, tão cheia de precipitações e precipícios.

Carta V – A infância que parece se multiplicar

Oi, Marcia.

Fiquei aqui pensando nessa relação com a infância que, depois de ter filho, parece se multiplicar. Pois há a infância que vivemos. Há a infância que lembramos. Elas são as nossas. Mas, após ter filho, há uma infância que se vive nesta criança que, contudo, é facilmente confundida com a gente mesmo. Essa infância que vemos, mas não de fora, pois a fazemos intimamente como pais – que infância é esta? E que intensidade é esta com a infância do filho? Fico pensando que ela nos traz a um tempo próprio.

Neste tempo, pode haver um futuro que se desenha no agora. Um esboço, um ensaio. Pois não é um plano. Mas, a emoção nos momentos com um filho, se de um lado pode resultar da projeção da nossa infância passada na dele, de outro lado vem de um pressentimento de que uma linha está sendo traçada para um futuro. Há um espaço que, de uma só vez, vai se abrindo e se fechando, uma vida que se atreve a ser no mundo, mas, para tanto, deverá ser deste jeito e não de outro.

No meu caso, esta infância, a infância do filho, foi vivida durante a pandemia de Covid-19. O Bento nasceu dia 6 de dezembro de 2019. Cerca de três meses depois, o mundo se fechou. Com a pandemia, a recomendação ou obrigação era que todos ficassem em suas casas, em isolamento social. No desconhecimento inicial da doença, o que se ameaçava era o futuro. Iria a humanidade sobreviver? Como? Quem? O nascimento *para a* infância e *da* infância do meu filho – que, como todo nascimento, é cifra de um futuro – não encontrou no mundo qualquer solidez para o seu por vir.

Infância vem depois do nascimento, e esperamos que ela esteja à sua altura, ou seja, à altura de que um ser humano único e inconfundível veio ao mundo e que,

se é assim, tudo pode mudar. O futuro está aberto. No caso do meu filho, porém, essa abertura foi paradoxalmente acompanhada de um fechamento. No confinamento de uma casa e com escapadas frequentes, sua infância foi abrindo um mundo a partir de si mesma e, até certo ponto, independente do mundo. Algo ia se criando.

Não sei bem o que era ou o que é que ia se criando. Mas há uma infância. Que, sem mundo no sentido ordinário do termo, olha a existência. No exílio do mundo, a existência segue, e a infância a vê. Vê uma vida. Por vezes, quando estou com meu filho, por exemplo ao dar com ele um mergulho à noite na praia, pergunto-me se aquela cena será uma dessas que ficam pra sempre na nossa memória infantil, sem que depois saibamos onde ou quando ela se deu, só a cena mesmo, uma luminosidade, um cheiro, um caminho. Seria a infância um sensacionismo? Meu filho fará quatro anos em breve. Quase metade da vida dele foi durante a pandemia de Covid-19. Se a pandemia, por algum tempo, ameaçou o futuro, a infância era a presença do futuro todo dia. Infância não é uma palavra para dizer potência, como se depois aquele ser fosse finalmente se atualizar. Infância não tem sobra ou resto. Tudo ali é atual. Tudo ali está sendo. Infância é uma palavra para dizer futuro, mas o futuro não como projeção planejada e sim como a presença dessa abertura que somos, como uma linha que vai se traçando e se precipitando. Será?

Beijo,
Pedro.

Carta VI – A pandemia e a infância de todos os primeiros

Querido Pedro,

Que bom retomar nossa troca epistolar. Gostei muito de você lembrar que a infância são muitas infâncias. Não só a infância que “fomos” e a infância que “guardamos” em tudo que somos, seja a infância que faz sorrir ou faz chorar, não só a infância que gostaríamos de ter tido e a que precisamos esquecer para conseguir existir, mas também a infância dos nossos filhos. Nossos filhos mostram a infância correndo, brincando, dormindo, engatinhando, ensaiando passos e palavras, a infância fazendo pirraça e cheia de dengos, a infância solta e dessemparada. Parece que nossos filhos são a infância se mostrando para nós, nos interpelando, nos chamando. É o mistério de um dentro de nós que se tornou fora de nós: a promessa de um outro, sempre misterioso, enigmático porque em aberto.

A sua carta deu uma ênfase grande para o dentro e o fora, para o jogo de um com o outro, um jogo que, na pandemia, teve que eliminar, em grande parte, o fora no sentido do grande aberto, “o lá fora, amor”, das janelas e portas abertas com seus entra e sai, deixando circular o mundo do ar, do mar, e os mundos do mundo. A pandemia foi um momento de “exílio do mundo” como você costuma dizer e como chamou seu livro, o momento de uma porta fechada do mundo e para o mundo – para o fora em aberto, da coexistência e da convivência. Tudo ficou trancado. Ficar trancado em casa mostrou a veracidade do ensaio de Freud sobre o estranho, o *Unheimlich*, o não-caseiro, não familiar. Na verdade, bem mais do que estranheza, essa palavra fala de algo assustador e apavorante, de uma violência que percorre o “lar”, *Heim*, esse lugar de proteção e segredo, *heimlich*, mostrando como o que protege pode perseguir, como o segredo – essa capacidade que talvez seja o quinhão do humano – sufoca. A alegria da casa é poder voltar para casa, é poder chegar em casa, é a experiência de que voltar e chegar são a casa, e que sem o ir e sair não pode na verdade haver casa alguma.

Sem isso, casa é confinamento e prisão. O segredo do lar é a soleira. Na pandemia fiquei trancada no Rio com uma de minhas filhas enquanto a outra estava trancada na Noruega. A pandemia foi uma experiência de demarcação física e psíquica de confinamento no dentro e expulsão do fora. Mas você fez uma experiência muito especial – a de ter um filho na pandemia, de ser pai de um filho que faz parte da geração pandêmica. Você escreveu “a infância do filho foi vivida durante a pandemia...”. Talvez eu dissesse “a primeira infância”, a infância de todos os primeiros: o primeiro contato com o fora do útero, a casa, o pai, os outros, a rua e a cidade, o fora de tantas outras formas de vida, seja animal ou vegetal, acolhedoras ou assustadoras – o fora dá medo! –, essas primeiras vezes do corpo vivo descobrindo os tantos corpos da vida. É que a infância, como você escreveu, tem formas tão misteriosas de sobreviver, metamorfoseando-se, abrindo futuros imponderáveis como é imponderável o lugar onde ondas do mar chegam na areia. Você me fez me perguntar o que pode acontecer com a infância dessas inúmeras primeira-vez no confinamento da pandemia. Como o estar fora no mundo, que é o nascer, faz a experiência de encontrar um fora confinado, um fora fechado, cercado – não só de portas, janelas e paredes – mas arrimado de medos, de não saber, de não poder, de futuros raptados. Não sei até que ponto a pandemia arrancou a infância da infância das crianças ou nos roubou a esperança de encontrar a infância da infância.

Você perguntou se a infância não seria um “sensacionismo”. Uma palavra interessante, sensacionismo, pois tira da cena auditiva o sensacionalismo que impregna o mundo. A infância é sem dúvida uma vida de sensações – se entendi bem esse termo que você propôs – mas sensações enoveladas e emaranhadas como fios elétricos, uma sensação sendo um feixe de sensações, uma energia, ela mesma cheia de sentido. Será sensacionismo um já-ser sentido e um só-ser-sentindo? A infância não só sente – ela tem olhos, ouvidos, boca, nariz, mãos, pés, um corpo todo próprio.

Uma das coisas mais bonitas que li de Jean Genet não está em nenhum livro. Na verdade, não li. Vi. Foi o único filme dele, chamado um “Canto de Amor” (*Um Chant d’Amour*). Ele está preso numa cela e começa a dançar com a cela, com o próprio confinamento, fazendo aparecer ali, nessa prisão, uma fresta de leveza que só acontece quando o amor canta. Não será a infância, mesmo a mais confinada e maltratada, esfoliada e pisoteada, uma nesga de canto de amor? Nunca vou me esquecer de uma cena em Ipanema. Estava com uma de minhas filhas, na época com 6 anos de idade, andando na Vinícius de Moraes, às seis da tarde numa sexta-feira, indo buscar um lanche na mercearia (na época não se conhecia a palavra “deli”!). Tinha acabado de escurecer. Em nossa direção veio um menino de rua maltrapilho, que devia ter uns oito ou nove anos, com o olhar duro de quem já viu a morte violadora mais de uma vez, com uma gilete na mão. Minha reação ao vê-lo se adiantar para a minha filha foi de protegê-la desse “terrível bandido”. Mas nele, ela não viu o bandido e sim uma criança como ela, querendo brincar de bandido e mocinho. Ela o desarmou imediatamente. E eu guardei para sempre a vergonha de não ter sido capaz de ver a infância dessa criança – esse rasgo de brilho nos olhos: a infância nas ruas arrebetadas da existência.

Um beijo

Marcia